

# *O QUE É ESCRITA FEMININA: SEGUIDO DE FEMININO DE NINGUÉM: EXERCÍCIOS DE APROXIMAÇÃO, DE LUCIA CASTELLO BRANCO*

**Carlos Rafael Pinto**

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
rafaelpinto.email@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0003-8319-1799>

**RESUMO:** A resenha aborda a segunda edição do livro *O que é escrita feminina* (2024), de Lucia Castello Branco, que, através de uma abordagem entre literatura e psicanálise, reflete acerca das relações entre o feminino e a escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita; Feminino; Lucia Castello Branco.

**ABSTRACT:** The review deals with the second edition of the book *O que é escrita feminina* (2024), by Lucia Castello Branco, which, through an approach between literature and psychoanalysis, reflects on the relationship between the feminine and writing.

**KEYWORDS:** Writing; Feminine; Lucia Castello Branco.

“Há livros que, quando publicados, rasgam o tempo em um antes e um depois. Inauguram uma questão que, se antes se resguardava em silêncio, agora é o grito imperioso de uma urgência” (Samudio, 2024, p. 119); com essas palavras, Jonas Samudio inicia o Posfácio, à segunda edição de *O que é escrita feminina*, de Lucia Castello Branco (Amitié Casa Editorial, 2024), intitulado “Uma seda, uma renda, uma *escrita feminina de ninguém*”. Esse texto assinala a importância de um livro que, ora, recebe uma reedição ampliada, contando, ainda, com o belo projeto gráfico elaborado por Jonas Samudio.

Publicado, pela primeira vez, no ano de 1991, como um número da famosa coleção Primeiros Passos (Editora Brasiliense), o livro *O que é escrita feminina*, já anunciava, então, para a pesquisa literária brasileira, uma discussão que, no tempo de hoje, mantém-se atual: a questão do feminino, que tangencia a questão da mulher na literatura, no que se refere à experiência literária. Escreve Lucia Castello Branco, acerca dessa temática e de algumas dificuldades em sua abordagem:

Parece claro que, já desde o início, a questão proposta como tema deste livro – o que é escrita feminina – nos direciona para um território nebuloso de ambiguidades, de meias-verdades e de meias-relações, com as quais (é preciso admitir) teremos de lidar até o final deste texto. E, apesar da vaga sensação de desconforto e de instabilidade provocada por essas ambiguidades, talvez não haja nada mais apropriado para demarcar essa entrada nos hemisférios do feminino: aí residem as meias-certezas, as meias-verdades, as meias-relações (Castello Branco, 2024, p. 28).

Tal reflexão se passa a partir de uma abordagem que toca no encontro entre psicanálise e literatura, e tece um diálogo com Béatrice Didier e Luce Irigaray, Virginia Woolf – autoras apontadas como sugestões de leitura, na primeira edição – e Ruth Silviano Brandão – com quem Lucia Castello Branco publicou, em 1989, *A mulher escrita* (Casa-Maria Editorial LTC). Concomitantemente, *O que é escrita feminina* marca uma diferença em relação a elas: a consideração da existência de uma dicção feminina, como um elemento textual e sem relação com a anatomia do autor e, ao mesmo tempo, sem desconsiderar por completo o que se refere à mulher.

Em outras palavras, e considerando as obras de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Hilda Hilst, Maura Lopes Cançado, Lya Luft, dentre outros, mediante outra perspectiva, Lucia Castello Branco apresenta a sua proposta:

Ora, é exatamente nessa dupla articulação estabelecida pelo signo feminino – em interseção com o signo mulher, e sem oposição ao signo masculino (e, por analogia, ao signo homem) – que parece residir uma série de complexos desdobramentos acerca da escrita feminina. Em primeiro lugar porque, como já se sabe, ela nem sempre é escrita da mulher e ainda porque a relação que a escrita feminina mantém com os demais discursos (que poderiam ser nomeados em bloco como “escrita masculina”) não é exatamente uma relação de oposição, ou de complementaridade (Castello Branco, 2024, P. 34).

Nesse sentido, a autora propõe a abordagem da escrita feminina tendo como referência, de um lado, a compreensão do feminino como algo relativo à mulher:

[...] a escrita feminina não ser exatamente a escrita das mulheres, mas de estar sempre relacionada à mulher, seja pelo grande número de mulheres que escrevem nessa dicção, seja pela evidência com que esse discurso se manifesta no texto das mulheres, ou ainda pela mulheridade que está implicada na escrita feminina, mesmo quando ela é praticada por homens (há sempre aí, nesse tipo de discurso, uma certa voz de mulher, um certo olhar de mulher) (Castello Branco, 2024, P. 36).

De outro lado, tal abordagem se dá pela relação entre o feminino e o masculino, no que se refere aos usos e contatos com a linguagem. Aqui, trata-se de considerar a escrita feminina como tendo relações de distância e tangenciamento em relação àquilo que se poderia chamar, genericamente, de “escrita masculina”. Assim a autora a escreve:

Talvez só se possa afirmar que a escrita feminina se define pelo que *não é* a escrita masculina, mas esse *não é* compõe um vasto território em que as marcas do feminino nem sempre assinalam o oposto ao masculino. Ao contrário: às vezes, essas marcas até mesmo se misturam, até mesmo se tocam, embora não sejam idênticas (Castello Branco, 2024, p. 39, grifos no original).

Ademais, a proposta de Lucia Castello Branco aborda que a escrita feminina se debruça sobre certas temáticas, tais como memória, Deus, corpo, erotismo, loucura e morte, considerados desde uma

perspectiva acerca do modo de abordá-las, pelo qual os signos, antes que buscar a representação da coisa, tendem a ser encarados como a própria coisa (cf. Castello Branco, 2024, p. 81). Entra-se, assim, num discurso em íntima relação com o corpo.

Também relação com a memória, levando em conta, pois, que o livro, ora editado pela segunda vez, foi escrito no contexto de uma investigação acerca daquilo que Lucia Castello Branco denomina como desmemória feminina. Pesquisa que resultou em sua tese de doutorado, publicada com o título *A traição de Penélope* (Annablume, em 1994). Fazendo menção a tais produções, e àquilo que elas evocam, a autora registra, na Nota à segunda edição de *O que é escrita feminina*: “é com a alegria de um *só depois* que as incluo aqui, nestas notas à segunda edição deste livro, como uma sobreimpressão das coisas que nos parecem distantes, mas que estiveram absolutamente próximas, até se encontrarem, hoje, numa espécie de ‘futuro autobiográfico’, como escreveria Llansol” (Castello Branco, 2024, p. 11, grifos no original). Nesse sentido, podemos acrescentar, como outro elemento significativo e a ser destacado acerca desta publicação, igualmente presente na nota:

Talvez seja esta a relevância da publicação de uma segunda edição deste livro, passados trinta anos. Há coisas que demoram muito a chegar. E, no entanto, já estavam lá, para se darem a ver, só depois, numa poderosa sobreimpressão: *o feminino de ninguém* já se anunciava numa certa escrita feminina que se abria a um terceiro veio, terceira via, terceira margem. Parece que agora, no encontro dos dois textos que compõem este livro, podemos assim nomeá-la, afinal: *escrita feminina de ninguém* (Castello Branco, 2024, p. 12, grifos no original).

Em outras palavras, é possível acompanhar, nesta segunda edição de um livro marcante na trajetória acadêmica de Lucia Castello Branco, aliado ao texto “Feminino de ninguém: exercícios de aproximação” que compõe esta publicação, a importância do encontro da autora com a textualidade de Maria Gabriela Llansol. Tal encontro, a um só tempo, deu-se com um texto literário, com uma outra forma de ler a literatura e, além disso, outro modo de escrever e transmitir as relações entre a literatura, a psicanálise, a filosofia e outros campos do saber.

Trata-se, desse modo, de acompanhar a questão do feminino na escrita que, nesta edição, a autora assim explicita: “Da *escrita feminina* à *escrita feminina de ninguém*, trinta anos se passaram. Mas não a ideia de que o campo do Aberto permanece aberto e que cabe ao poema a tarefa de escrevê-lo *não todo*, infinitamente, à maneira feminina” (Castello Branco, 2024, p. 114, grifos no original).

Por fim, retomamos as palavras de Flavia Trocoli, que assina o Prefácio, intitulado “As que pedem ler, rasgar, remendar, tempos de uma *escrita feminina de ninguém*”: “Um texto vem pela segunda vez ao mundo em fragmentos, talvez respondesse esse livro, isso que não se deve ser escrito por inteiro, confessa a noite do sentido que vem à luz, confessa em palavra silente e solene (não pomposa, contudo) a marca do que ali não se sabe” (Trocoli, 2024, p. 20). Desse modo, testemunhamos que, por vezes, uma segunda edição se faz necessária para dar lugar a outros e novos encontros, a alguns reencontros, aqueles que extrapolam o sentido e se escrevem ao modo feminino.